



XIV EPED 2024

Encontro de Pós-Graduandos
em Estudos Discursivos

Resumos - sessão 10

Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo

Presidente da Comissão Organizadora do XII EPED

Comissão Organizadora

André de Oliveira Matumoto

Bruna B. C. Fernandes

Gabriel Isola-Lanzoni

Lucas Pereira da Silva

Nathalia Akemi Sato Mitsunari

Sandra Gomes Rasquel

Verônica dos Santos Modolo

22 e 23 de agosto de 2024

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

Quadrinhos Institucionais: Uma Análise Comparativa dos Gêneros da Turma da Mônica

Lorrane Santos Aragão
Universidade Federal de São Paulo
lorrane.santos@unifesp.br

As histórias em quadrinhos são narrativas gráficas que, segundo Ramos (2009), podem englobar diversos gêneros. Mas as histórias em quadrinhos que abarcam o mesmo grupo de personagens podem formar gêneros distintos? Por meio desta pesquisa, comprovaremos que sim. Para responder a essa pergunta, escolhemos duas histórias da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa, cujos gêneros são institucional e humorístico. O primeiro recorte é denominado “Uso racional da água e saneamento básico”. Já a segunda trama tem como título “Cebolinha em: a vida é dura, que tal amaciar?”. Para fundamentarmos esta análise, nos baseamos nos estudos de Maingueneau (2013; 2015; 2018), o qual argumenta que podemos reconhecer um gênero analisando os seus critérios situacionais. De igual modo, com o propósito de demonstrarmos as peculiaridades que os gêneros mencionados detêm, nos aprofundamos nos trabalhos de Mendonça (2008), Ramos (2014), Sarro (2017), Santos (2013) e Queiroz (2012), autores que já analisaram os gêneros em questão. Por fim, constatamos, através deste estudo, que os critérios situacionais dos gêneros interferem em sua composição, mesmo quando os conteúdos envolvem os mesmos personagens, como no caso das histórias em quadrinhos utilizadas para esta análise.

Palavras-chave: Quadrinho institucional; Quadrinho humorístico; Gênero de discurso; Turma da Mônica; Mauricio de Sousa.

“A guerra é...”: as metáforas da guerra da Ucrânia nos discursos de Putin e Zelensky

Marcos Helam Alves da Silva
Universidade Estadual de Campinas
mhas.marcos@gmail.com

A metáfora foi e continua sendo erroneamente encarada por muitos como um adorno ou figura de linguagem de uso exclusivo da feitura poética. É com o lançamento do livro *Metaphor we live by* de Lakoff e Johnson (1980) que se postula uma nova perspectiva de abordagem do estudo da metáfora. Frente a esse novo paradigma, a metáfora é entendida como integrante da nossa vida cotidiana e não apenas como uma simples figura de linguagem. Assim, a metáfora é primeiramente um fenômeno cognitivo, ou seja, o nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (Lakoff; Johnson, 1980). Com isso, considerando a proposta de Lakoff e Johnson (1980) e outros estudiosos da metáfora, o propósito deste estudo é analisar a presença de metáforas conceituais nos discursos dos presidentes, Putin, da Rússia, e Zelensky, da Ucrânia, com vista a compreender como se dá o uso da metáfora no discurso político durante o conflito da Guerra da Ucrânia. Metodologicamente, priorizou o estudo teórico que versa sobre a temática da Metáfora e logo em seguida a seleção do *corpus* que, como já explicitamos, constitui-se dos pronunciamentos iniciais dos presidentes dos países em conflito. A partir da análise empreendida pode-se observar o quanto a metáfora conceitual possui grande relevância no discurso político e o quanto colabora para a construção de sentidos e para atingir os efeitos de sentidos pretendidos no discurso político.

Palavras-chave: Teoria da Metáfora Conceitual; Cognição; Metáforas da Guerra.

Participação como sistema contextual: de Goffman à Teoria Sistêmico-Funcional

Theodoro Casalotti Farhat
Universidade de São Paulo
farhat@usp.br

Esta comunicação, fundamentada na Teoria Sistêmico-Funcional, tem como objetivo apresentar a descrição paradigmática, assim como alguns elementos realizacionais, do sistema contextual de PAPÉIS ENUNCIATIVOS, parte do parâmetro das relações interactanciais (*tenor*), que descreve sistemicamente os diferentes papéis e relações assumidos pelos participantes de uma interação. O sistema de PAPÉIS ENUNCIATIVOS possibilita a incorporação explícita à Teoria Sistêmico-Funcional da descrição iniciada por Goffman (1981[1979]) dos diferentes modos como os participantes de uma interação sinalizam alinhamentos interacionais por meios semióticos. Mais especificamente, incorporamos as categorias propostas por Levinson (1987) como um refinanciamento da proposta de Goffman à descrição, iniciada por Hasan (2020), de um sistema rotulativo que lida com a natureza da produção e da recepção de um texto. Como resultado, o sistema permite a descrição de produtores textuais em termos de graus estratificados de responsabilidade sociosemiótica (EXPRESSIVA, LÉXICO-GRAMATICAL E SEMÂNTICO-CONTEXTUAL) e o posicionamento de receptores textuais em um *continuum* de centralidade receptiva definido com base nos subsistemas de DESTINAÇÃO (para quem é a mensagem), VISADA (a quem o produtor se dirige especificamente, por meio de recursos como contato ocular e vocativos), RATIFICAÇÃO (o reconhecimento do receptor como um interactante “oficial” da interação) e PRESENÇA (a copresença de produtor e receptor no cenário material de produção). Apresentaremos as categorias que constituem o sistema, assim como elementos de sua realização semiótica, por meio de exemplos provenientes de um corpus de sequências da plataforma X (Twitter).

Palavras-chave: Papéis enunciativos; Relações interactanciais; Participação; Alinhamento interacional.